CONHECIMENTOS UTEIS.

O FINAL DA QUESTÃO DAS NOVAS MACHINAS DO ARSENAL DA MARINHA.

734 A parte activa, que tomámos n'esta questão, em que se tratava do credito de um homem de talento, que fôra nosso mestre, e que nos honra com a sua amizade, obriga-nos a informar o publico da maneira victoriosa como ella terminou, plenamente em favor do Sr. Rego.

O Sr. Ministro da Marinha houve-se com prudencia e zelo; e no modo como facilitou o termo deste conflicto, prestou honroso preito, não só aos bons principios como tambem á oppinião da imprensa.

Foi nomeada uma numerosa Commissão, composta de pessoas mui competentes na materia, e em grande parte formada de estrangeiros: a qual decidiu, que a machina motriz tem a sufficiente força para fazer trabalhar as serras e as machinas, que ainda se hão-de montar nas officinas.

Qua a mudança da machina, para esgotamento do Dique, como propunha o Sr. Tonnelier, causaria um forte augmento de despeza, em logar de economia.

Que nos trabalhos feitos pelo Sr. Tonnelier, havia erros, que era indispensavel corrigir.

Na presença desta decisão comprovada por um termo authentico, em que se tomou o voto de cada vogal da Commissão, o Sr. Rego está perfeitamente despensado de escrever uma só palavra ácerca de tal questão.

Já pára em nosso poder uma certidão legal desse termo, o qual, por falta de espaço, não publicamos hoje.

Estão-se ajustando contas com o Sr. Tonnelier.

Depois do acontecido era isto o que se devia seguir.

Não approvamos que a nomeação de uma Commissão para decidir qualquer conflicto, entre o Director de um estabelecimento publico e qualquer dos seus subordinados, fique como precedente; mas, no caso presente, attendendo á novidade da materia, folgamos de que o Sr. Rego alcançasse, por esse meio, mais uma prova solemne do merito, que deve merecer a confiança do Governo nos encargos que lhe confiou.

Pela nossa parte, regosijamo-nos de vêr tão completamente confirmado tudo quanto escrevemos a este respeito.

CONGRESSOS AGRICOLAS.

735 A Sociedade Economica Madrileuse, sob proposta da sua secção de Agricultura, occupa-se do projecto de reunir um congresso agricola em Madrid.

Esta Sociedade, que existe ha mais de 75 annos, trata com empenho deste assumpto, e espera-se que o levará a cabo com bom exito.

A 21 do corrente mez de setembro, por occasião da exposição dos productos agricolas, ha-de celebrar-se em Bruxellas, a sessão solemne do primeiro congresso agricola da Belgica. Os sabios e agronomos distinctos de varias paizes foram convidados para irem assistir a elle.

PREPARAÇÃO DOS OSSOS PARA ESTRUME.

736 Em todos os tempos, os ossos foram considerados como um dos mais poderosos estimulantes, que os lavradores podem lançar á terra. Os sabios e os agrónomos sempre trataram de achar o melhor meio de tirar proveito desta substancia. Concordes em quanto á sua importancia, apenas teem diferido no modo da sua preparação, e no tempo de o lançar ao sólo.

Ao presente avalia-se bem a importancia da cultura dos campos; é por isso que se teem procurado os meios de auxiliar a natureza na producção agricola.

Por em quanto não se encontram se não poucos exemplos do uso dos ossos como meio de adubar as terras. Muitos ramos de industria os compram hoje por um preço que o lavrador julga subido, pois que está persuadido de que não tira vantagem em fertilisar as terras com esta substancia. Se tivesse em conta a facilidade do seu transporte, e do lançamento aos campos, comparada com o transporte e trabalhos que exige o estrume ordinario, veria que os effeitos alcançados por duas sommas eguaes empregadas, uma na compra de estrumes ordinarios, e a outra na de ossos para estrume; esta, na maior parte das localidades, fertilisaria muito melhor os seus campos do que a que empregasse na compra dos estrumes ordinarios, que em alguns sitios viria a ser duplicada. Accrescendo a isto que em muitas localidades a acquisição de ossos seria facilima.

Alguns annos ha que se formaram companhias na França, Inglaterra e Allemanha, para mandar vir dos paizes, que os não utilisam, os ossos, e transportal os aos grandes focos de producção agricola.

A America póde ministrar porções consideraveis de ossos, sobre tudo nas paragens de Montevideu, Buenos-Ayres, etc., onde innumeraveis manadas de bois, cavallos, e outros animaes vivem em estado selvagem, e sem dono. Acontecendo serem estes animaes muitas vezes mortos só com o fim de se lhes tirar os coiros, a banha, e as pontas.

Em certas provincias da Russia ha tambem grandes porções de animaes que vivem como os da America, e de que lhes não tiram outra utilidade. Diversas outras porções do globo podiam tambem fornecer de ossos a agricultura.

Uma simples analyse dos ossos, basta para convencer, ainda o mais incredulo, de quanto é util a sua applicação á fecundação das terras.

Os ossos compoem-se de gelatina, substancia abundantemente azotada, inherente ás materias terreas, e das quaes se affasta rarissimas vezes: — de phosphato de cal, agente fecundissimo, e muito poderoso para a vegetação: — e de materias gordas, que é uma substancia, que, apezar de não conter em tão elevado grau

as propriedades das outras duas, concorrem efficazmente para a fertilidade dos terrenos.

A gelatina é preciosa por se poder conservar. Os vegetaes absorvem no seu alimento grande quantidade de azóte, um dos elementos mais uteis á sua constituição. O phosphato de cal esterca por si mesmo, apressa a vegetação, decompõe outras substancias, que a contém, e as converte em elementos proprios para nutrir as plantas.

A gordura, ou materias crassas, é de muita utilidade ás terras fracas, e, ainda que seja lenta a sua decomposição, não contribue pouco para dar um elemento de vida á vegetação.

É pois de muita importancia conservar todas as materias contidas nos ossos preparando-os de maneira tal que estas sejam desperdiçadas o menos possivel, e fazendo-as susceptiveis de levar aos vegetaes todos os elementos para a sua nutrição.

De todos os methodos que teem sido até aqui empregados e que estão em uso, o que parece ser preferivel nos veiu de Allemanha.

Se os ossos se lançarem inteiros á terra, não se obterá o resultado necessario, porque a desagregação das materias fecundantes é assim mui lenta; e quando as moléculas vem a separar-se dos ossos, já as terras não conteem as plantas, que as poderiam aproveitar. Accresce que o calor absorvendo-lhes os liquidos, e as chuvas enterrando-os muito pelo solo, inutilisam a sua acção fecundante.

Ha muitos seculos que os monges benedictinos tiravam todo o partido dos ossos aproveitando-os para estrumar as terras. Redusidos a pó, os fasiam dissolver por meio da acidos e depois de transformados em materia liquida a derramavam pelos campos.

Em uma obra — *Les Veillées du Laboureur* —, de D. Pichon, monge da abbadia de S. João de Rheóme, que tracta de muitos methodos de preparar os ossos para estrume, lêmos o que os benedictinios praticavam, principalmente para a preparação dos estrumes destinados ás hortas.

Tinham uma cisterna cujas paredes eram formadas de tijolos, ou pedra. Nesta cisterna collocavam os ossos lançando sobre elles uma pequena porção de acido nitrico, e uma dissolução de sal commum, e algum tempo depois porções de estrume ordinario. A cisterna não devia conter destas substancias senão a 4.ª parte da sua capacidade.

Deixavam-n'a então fermentar durante dois ou tres mezes. Depois da fermentação ter feito passar aos liquidos a gelatina, e os saes contidos nos ossos, deitavam na cisterna a quantidade de terra sufficiente, para absorver todo o liquido; deixando-a repousar pelo espaço de um mez. Este mixto servia para se lançar aos terrenos, que queriam tornar mais rapidamente fecundos.

Apezar do Auctor das *Veillées* contar maravilhas produsidas por este estrume, o seu methodo é assaz complicado para ser aproveitado na agricultura ordinaria. Além de que os ossos não se dissolvem completamente pela fermentação, sendo depois preciso usar de outros meios pare aproveitar os residuos.

Actualmente é usual redusir os ossos a pó depois da calcinação: — decompol-os por meio do acido sulphurico, antes da trituração, e redusil-os a carvão animal: — queimal-os com cal viva; — enterral-os em covas feitas na estrumeira: — ou redusil-os a pó quando ainda estão frescos, sem empregar o fogo ou outra qualquer preparação.

Redusir os ossos a pó depois da calcinação é o meio mais expedito, mas tambem menos proveitoso: durante a calcinação a gelatina e a gordura evaporam-se; uma grande parte do phosphato de cal desapparece pela acção de fogo: e só fica o residuo das materias menos uteis aos vegetaes. A unica vantagem, que resulta deste methodo, é de facilitar a pulverisação dos ossos, porém que não compensa as perdas que causa, já pela destruição da gelatina que muito contribue para a bondade do estrume já pela despesa do combustivel.

O methodo da decomposição pelo acido sulfurico offerece mais vantagens, que o precedente — mas a sua applicação não é sempre facil na agricultura. A acção do acido destroe mui pouco das substancias essenciaes. Este methodo é mui seguido em Inglaterra, e usado ha muito pelos agricultores allemães. O primeiro que o empregou foi o celebre chimico, e agrónomo distincto o Dr. Liebig, professor da Universidade de Giessen. Na sua chimica applicada á agricultura, elle diz, que — «O processo mais vantajoso é o de redusir os ossos a pó; pôl-os em dissolução em metade do seu peso de acido sulfurico, e tres ou quatro mais de agua; e diluir depois a massa produsida em cem partes do seu peso de agua e regar as terras.»

Redusir os osses a carvão animal não é praticavel, senão em ponto pequeno e é de todos os methodos o mais caro.

Para queimar os ossos com cal viva devem-se metter em uma cova, e depois de lhes ter applicado a cal cobril-os de terra, para que a humidade dirija a acção da cal. Póde-se tambem operar sem os metter em cova; mas não se alcança tão bom resultado; sempre é preciso cobril-os de terra. Mas como a economia de tempo e de despesa é o que mais convém ao lavrador, o qual por este methodo não se consegue, porque a cal não se desagrega completamente dos ossos, torna-se necessario fazel-os passar por outro processo.

Enterrando os ossos em covas na estrumeira, consegue-se fazel-os largar alli, pela acção da fermentação, a maior parte das materias fecundantes, que conteem; mas este producto só se obtem com muita demora. São precisos annos, e mesmo assim a maior parte dos ossos não se dissolve completamente; sendo precisas novas operações para aproveitar os residuos.

O methodo pois, que nos parece, ser mais proveitoso, mais economico e que está ao alcance de todos, é o de redusir os ossos a pó quando estão ainda frescos.

Sendo certo que na época mais proxima da separação dos ossos das outras materias, que compõem o corpo dos animaes, elles ainda conservam em si todas as substancias fecundantes, que conteem, como a gelatina, phosphato de cal, e a gordura; é de necessidade redusi-los a pó logo, se se quer tirar delles todo o proveito possivel.

E necessario porém ajuntar a este pó assim obtido coisa de 6 a 10 por cento de sal commum, para apressar a dissolução das substancias fecundantes, e dar ás plantas mais força para absorver as moléculas, que gradualmente se desaggregam.

Quanto mais humido está o pó maior porção de sal

se lhe deve juntar; — e quando tem de ser guardado tambem o sal impede a fermentação da massa.

Diversas machinas se usam para pulverisar os ossos. Uns servem se de cilindros de ferro ou de aço: outros, depois de partirem os ossos, os fazem passar por entre as mós de moinho de moer de trigo: outros os pisam com martellos.

A machina que nos parece mais simples, e mais facil de mover, e que melhor pulverisa os ossos é a de que se serve M. Wenck, de Bâle na Suissa. É o antigo moinho usado para descascar o carvalho, com mui pouca differença. Esta machina é movida pela agua; porém a força de dois cavallos é bastante para a fazer andar. Ha muitas mais pequenas, e de muito menos força.

A estação mais propria para espalhar este estrume pelos campos, é nos paizes quentes durante o mez de novembro.

A quantidade que se deve lançar á terra depende da naturesa do sólo e do clima do paiz. Ordinariamente nos terrenos seccos e soltos: quatrocentos a quinhentos arrateis bastam para uma terra de oito mil varas quadradas; devendo se-lhe misturar uma pequena porção de sal.

O preço do pó dos ossos varia segundo as localidades. Em Bâle, na Suissa, M. Wenck vende a razão de nove francos por quintal.

Barão de Montgaudry.

Moniteur Industriel.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XLII.

737 Se a memoria me não engana, em quanto estiver escrevendo poderei deixar traçadas nestas tristes paginas algumas das infinitas virtudes do meu protector.

E como desappareceu ha dias, cumpro um dever de gratidão, lembrando-me, por este modo, de quem tanto se interessa por mim.

A Providencia, por meio de factos distinctos, mas ligados ao mesmo acontecimento, symbolisou a sympathia das nossas almas.

A historia da creança, que Frei Anselmo salvou, ficaria incompleta, sem o que já referi, ácerca do desgraçado rapaz, que fez a letra falsa, e do celebre encontro, que tive com a mulher, que fôra a causa da sua desventura.

Para historiar a parte conhecida de certos acontecimentos, que ainda absolutamente não deixaram de constituir um mysterio, juntarei ás narrações do bom Anselmo, algumas das circumstancias de que eu era já sabedor.

Talvez que um dia estas poucas paginas sirvam para descobrir o resto do segredo.

Anselmo diz, que o mendigo quando quer, é o verdadeiro archivo dos crimes de uma cidade.

Se os sabios podessem estudar o que sabe um mendigo, por certo que as leis teriam salutar influencia no melhoramento moral do homem.

Foi esta convicção intima, que o levou a considerar os andrajos da pobreza, como se fossem as insignias do seu sacerdocio.

¿Se elle escrevesse, o que não poderia ensinar aos homens?

A sua mão poderia, com traços firmes, retratar as cidades, que tão cuidadosas escondem a sua verdadeira fórma nas infinitas illusões de que se revestem.

O facto, que vou contar, é um dos muitos, com que me provou o que é essa vida coberta de oiro, para a qual o pobre olha com inveja, porque não vê senão o prazer, que se mostra, sem reparar que taes encantos só servem para cobrir a dor, que se esconde.

Quasi sempre, quando Anselmo vivia em Lisboa, partia ao romper do dia para uma das estradas, que dos arrabaldes vem dar ás portas da cidade.

Ahi, as mãos que haviam sustido a imagem do Redemptor, ante a multidão, que ordinariamente assiste ao sacrificio da Missa, estendiam-se para receber a esmola dos que passavam.

A oração é sempre a sua companhia: quando reza nunca se julga só.

Passava rezando as horas que decorriam até ao meado do dia.

A fé, que, por milagre, ainda se não afogou nos rios de sangue, com que os filhos da mesma terra alagaram a patria, era a fonte donde corria o parco sustento de um dos seus mais dignos sacerdotes.

São muitas as pessoas, que dos arredores correm á cidade, para que esta lhes pague o trabalho, comprando os productos que ahi conduzem.

A boa venda é um dezejo de todos quantos andam nesta lide continuada.

A esmola, que por essas estradas cáe nas mãos do mendigo, é uma prova de fé, bem viva e pura. O vendedor não promette, mas dá antes de colher o fructo do trabalho.

Anselmo muitas vezes me fallou do prazer, que sentia a sua alma, quando esses moradores dos campos, ao virem para a cidade, se chegavam a elle, e considerando-o, pela sua pobreza, como

* Vem do n.º 40.

a imagem do Redemptor, lhe pediam, ao dar-lhe a esmola, que os encommendasse a Deos para que a sua venda fosse feliz.

Por esta occasião admirei a franqueza, com que um homem de tão altos espiritos, e de caracter de tão fina tempera, me dizia: — «Paulo, quando eu via o respeito religioso, com que aquella boa gente se approximava de mim, e me pediam orações em seu favor, matando-me a fome, com parte do pouco que possuiam, commetteria um grande peccado se não rezasse por sua tenção.»

A estrada, onde Anselmo costumava pedir, não era sómente frequentada pelos pobres saloios: alguns dos mais abastados habitantes da cidade tambem por ahi passavam; mas para os que já eram seus conhecidos, nem se quer estendia a mão, pois que estava costumado ao silencio e indifferença, com que ouviam as suas supplicas.

Começava a primavera, — e cauzou-lhe admiração um cavalheiro, que, acompanhado por criado de libré, andava muitas vezes a estrada favorecendo-o sempre que passava.

Havia no olhar desse homem, quando lhe dava esmola, uma certa expressão de melancolica inveja, que despertou a attenção do Padre Anselmo, tão desejoso de estudar o infinito e mysterioso livro, que a linguagem do mundo conhece pelo nome de coração humano.

O cavalleiro era um homem com pouco mais de trinta annos.

A pallidez do rosto não era natural, e facilmente se conheceria, que o rosado das faces se desvanecêra, porque do coração lhe viera o triste reflexo, que lhe alumiava a vida.

Sempre o via com o olhar incerto, e ás vezes o cavallo caminhava sem governo, parecendo que nem o cavalleiro dava por tal.

Ao cabo de algum tempo, começou a passar só: e ás vezes trazia o cavallo á rédea, e parecia absorto na mais profunda tristeza.

Um dia que Anselmo o viu suspirar, quando lhe deu a esmola do costume, apertou a mão delicada, que o soccorria, e disse-lhe commovido: — «Deus vos dê a alegria que vos falta. — Só lhe respondeu: — «Pedi antes que me dê a resignação. . . ou a morte se tanto fôr do seu divino agrado.»

Ficava perto da estrada o povoado com o seu presbyterio, no alto de um monte.

O sol ía já mui alto, e Anselmo, tendo acabado as suas orações, estava quasi adormecido perto do guarda-vento.

A fóra elle, não havia na Egreja mais ninguem.

Sente passos, era o seu bemfeitor que entrava.

Foi direito ao altar do Sacramento e ajoelhou.

Despertado pelo ruido, Anselmo contemplou gostoso aquella prova solemne da religião, que tanto se escondia do mundo, para ser unicamente presenciada por Deus.

Instantes depois, ouviu pronunciar alto algumas palavras.

Julgou que sonhava, pois que ouviu uma oração ao Santissimo Sacramento, que no convento fizera para dar a uma creança, que na primeira communhão pedíra uma resa bem linda, para adorar o Senhor Sacramentado.

Quando o cavalleiro acabou a oração, as lagrimas corriam em fio pelas faces do mendigo, lembrando-se do tempo, em que no silencio do claustro, passára a vida no estudo das sagradas letras.

Vendo que o seu bemfeitor saía, chegou-se a elle, e mais submisso, do que se fôra pedir-lhe esmola, rogou-lhe, com voz enternecida, que lhe dissesse quem lhe ensinára a oração, que estivera repetindo.

Não lhe negou o fidalgo a resposta, dizendo-lhe: — «Bom irmão, em dias mais felizes do que hoje, ensinou-m'a um monge do convento, onde meu pae me levou para commungar pela primeira vez.»

Anselmo não pôde conter a alegria: abraçou o cavalleiro, e trahiu o segredo, em que andava involto, com estas palavras:

«Não pensei que o tornava a vêr. Como os tempos mudam!»

¿Que é feito de seu pae, d'aquelle bom fidalgo, que tanto protegia a nossa ordem?»

— Morreu, e pobre!

— ¿O quê? Pois foi possivel acabar com essa avultada fórtuna, que era patrimonio eterno de tantos pobres?

— Foi. Novas leis nos tiraram tudo, menos o sangue sem mescla, que ha tres seculos nos gira nas veias: oxalá que eu nunca o houvera enxertado no oiro, com que um dos do povo me comprou o brasão, para adornar a carreira brilhante da sua descendencia: — mas deixemo-nos de fallar no passado, e prepare-se Padre para ouvir, quem sabe, se a minha ultima confissão, pois que, talvez seja da vontade de Deus, que eu receba a derradeira bençam da mão que me lançou a primeira.

E cahiu de joelhos aos pés de Anselmo!

O que este lhe disse não poderia eu reproduzil-o,

porque só n'aquelles labios, póde brilhar a luz de resignação evangelica, que tantas vezes me tem ensinado o verdadeiro caminho do céu, quando o desespêro me conduz por caminhos, que vão dar á perdição eterna.

Em logar do sacerdote confessar um christão, foi um amigo que ouviu o que outro padecia.

A desgraça fizera, com que o filho do antigo senhor de um dos pingues dominios da corôa, se apaixonasse pela filha de um homem, que a fortuna erguêra subitamente da pobresa para a opulencia.

O pae, conhecendo que só a nobreza faltava para saciar a sua ambição, combinou-se com a filha para que os pergaminhos de fidalgo lhe encartuxassem o oiro, de modo que podesse figurar entre os nobres.

O moço caíra na seducção; mas quando os noivos saíram da Egreja só elle amava.

O infeliz conheceu, dentro em pouco, que a noiva esposára o seu brazão, e não a sua alma.

Começou desde então a padecer.

E bem acerbas deveram ser as suas maguas, pois que ha de ser cruel amar, sem que nos amem.

Ai! por mim o julgo. Que faria eu, se Margarida não houvera respondido, com a sua paixão, ao grito louco de amor com que a minha alma a chamava continuadamente?

Se ella houvera trocado o meu amor pelo de outrem — se houvera desprezado o culto do santo affecto que eu lhe tributaria em toda a minha existencia, por certo que não precisaria pedir a Deus a morte, pois que o coração estalando-me dolorido dentro do peito, houvera apagado o sopro da vida engeitado pela unica mulher para quem Deus me creou.

¿Mas onde me levam as minhas maguas?

¿Para que hei-de misturar o meu pranto com esse rio de lagrimas, em que se espelha um pobre anjo, sacrificado ao crime e a um amor culpado?

Depois do encontro da Egreja, o fidalgo partiu para fóra do reino.

A vida ao lado da mulher, que o não amava, era um supplicio que elle não podia suportar.

Se ao menos tivera um filho, seria possivel, que o affecto da sua alma achasse no fructo da sua inconsiderada resolução o emprego que desejava.

Mas nem este oasis descobrira na solidão da sua alma.

Anselmo, que sabia tudo isto, e que estava mui obrigado a esse infeliz que lhe offerecêra meios (que recusara) para saír da pobreza, em que vivia, afreguezou-se com a caza, porque recebendo parte das esmolas, que elle tinha deixado ordenadas para os seus pobres, saberia novas suas.

Fôra por este motivo levado varias vezes a Cintra, quando a mulher do fidalgo se retirára para uma casa de campo, durante a maior força do inverno.

Costumado ao rigor do tempo, demorava-se ahi por alguns dias, e habitualmente ía ficar com um homem, que vive guardando certo convento antigo, chamado da Cortiça, e que fica em um dos altos da serra. Travára conhecimento com esse homem, quando no verão mendigava na villa, em quanto a corte lá rezidia: e como elle tivesse sido moço dos frades eram-lhe de muito agrado as praticas, com que matavam algumas horas.

Uma noite, soprava rijo o vento do mar, e as nuvens corriam grossas e negras por sobre as montanhas, como se viessem caír nas planicies, que as cercam, segundo refere o padre Anselmo, que nessa occasião vigorosamente ía caminhando da sua habitual pousada, quando sentiu que alguem ía adiante delle.

Mal se percebeu disto, viu, que o vulto, que lhe ia adiante era um homem, á luz da lanterna de furta-fogo, que o desconhecido abriu.

Notando que este tinha um embrulho aos pés, escondeu-se, e viu que o embrulho era uma creança recemnascida.

Espreitou animoso o que se ía passar, e presenciou, que a punham á beira da estrada, de modo que facilmente podesse ser achada. Depois o homem, fechando a lanterna, voltou pelo mesmo caminho.

Foi n'esta noite, que, por tão estranho modo, começou a historia desse innocente, ainda hoje perseguido pela desventura, que parece havel-o tomado logo ao nascer.

Deus, que sempre acode aos desamparados, adoptou-o por meio de um dos seus respeitaveis ministros.

Verei se ámanhã tenho forças para continuar a escrever esta historia. *(Continúa.)*

MELANCHOLIA.

738 Candida mãe da Poesia,
Que vens sentar-te a meu lado,
Na hora final do dia,
Lá sobre o monte elevado;
Oh! que eu sinto o teu encanto
Tão doce, tão brando, e santo,
Da noite no negro manto,
No céu d'estrellas crivado.

Quando o horisonte roxêa
Da tarde no meigo fim,
Que o poente se semêa
De nuvens de carmesim,
Na crista da serra altiva,
Tu te assentas pensativa,
Junto d'agua fugitiva,
Sob um luar de marfim.

Tua pensativa imagem
Se levanta do horisonte,
Se desdobra na paisagem,
S'estende de monte a monte;
E com as azas afaga
A arêa d'oiro da plaga,
As rochas que o mar alaga,
As aguas puras da fonte.

Que perfume que respiras,
Que tão suave pensar!
Que meigos sonhos inspiras,
Que saudades, que cuidar,
Quando sob o firmamento
Não corre um sopro de vento,
E os cofres do pensamento
Se abrem de par em par!

Tu és a rôla que chora
No chôpo á beira do rio;
No chôpo que se namora
Das aguas no espelho frio;
Tu és o canto saudoso
Do rouxinol amoroso,
Por entre o bosque frondoso,
Em branda noite d'estio:

Tu és a vaga profunda,
Que sobre a praia suspira;
Harmonia gemebunda
Das cordas da eterna lyra;
És a lua, que suspensa
Corre n'abobada extensa,
Como uma perola immensa
N'uma concha de safira: —

És o som do bronzeo sino
Que bate ao longe trindades:
És a estrella d'oiro fino;
O murmurar das cidades;
O castello abandonado,
Esquecido, derrocado,
Como o espectro do passado
Chorando antigas saudades.

És da candida donzella
Os castos cuidados seus;
Na mão co' a fronte singella,
E os olhos presos nos céus;
És o espaço, a immensidade;
És encantada saudade;
És o véu da Eternidade
Rasgado por mão de Deus.

Tu és, ó melancholia,
És do poeta o condão;
És do propheta a harmonia
Sobre as margens do Jordão:
Do Babylonico, que expira,
És o gemer, que respira,
No pranto que sólta a lyra,
Chorando sobre Sião:

És Jeremias sentado
Nas ruinas de granito;
És o seu canto inspirado,
De seu pensar és o grito:
És Palmira abandonada,
E lá na Siria prostrada,
Levantando a branca ossada
Sobre o deserto infinito.

E's Mario, sobre Carthago
O seu exilio a chorar,
Bebendo trago por trago
Suas saudades sem par;
E's Roma de cãs coberta,
E's Herculanum deserta,
E's Pompêa que desperta
Do seu somno secular.

E's a sombra magestosa
De toda a gloria guerreira,
Immovel, silenciosa,
Na rocha ao mar sobranceira:
E's Santa Helena isolada;
E's a aguia desterrada,
Medindo a carta rasgada
Da França, da Europa inteira.

Agosto de 1848. *L. Corrêa Caldeira.*

BELLAS-ARTES.

MIGUEL ANGELO BUONAROTI, E MANOEL COMPELLO.

739 Miguel Angelo Buonaroti, nascido em Toscana no anno de 1474, architecto, esculptor, poeta e doutor da Eschóla Florentina (fundada no XIII seculo) fallecido em Roma em 1564, fez o seu testamento com

os tres seguintes sentimentos: *L'Anima a Dio, il corpo alla terra, la roba ai Parenti.* Este tão celebre artista nunca pintou a *oleo* quadro algum, que seja certo, indisputavel e provado. Jorge Vasari, seu escolar, na sua obra intitulada: *Vidas dos pintores e architectos* (cujo livro conhecem os artistas portuguezes), escripta pelos annos de 1550, diz elle — que seu mestre Miguel Angelo Buonaroti, a quem dedica um artigo mui extenso, não pintava a *oleo*; — pois ninguem melhor que Vasari o poderia saber! Pódem-se citar muitissimos *Itinerarios*, *Viagens*, *Catalogos etc.* onde se diz, que qualquer quadro a *oleo* é attribuido a Miguel Angelo Buonaroti, mas isso não destroe as noticias do referido Vasari, que foi testimunha ocular da maneira de pintar de Buonaroti. Jorge Vasari era contemporaneo de Buonaroti.

Sómente existe um quadro de cavalete, na Tribuna de Florença, que é authentico do pincel de Miguel Angelo Buonaroti, e esse mesmo não é pintado a *oleo*, mas sim a tempera (pintura feita com agua, ou cola, sobre taboa, ou papel). Dizia Miguel Angelo Buonaroti, que pintar a *oleo* era uma occupação digna de mulheres, e não de grandes artistas, querendo provar que a maneira de Rafael Sanzio d'Urbino (de quem era antagonista) era d'um genero menos elevado que o seu. Nisto mostrava Buonaroti muito amor proprio.

Na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, na aula de pintura historica, existe um quadro, no qual se observa representado o Doutor da Igreja *S. Jeronimo*, cuja pintura tem sido attribuida a Miguel Angelo Buonaroti. Por bem formadas conjecturas parece que no referido quadro, se reconhece a maneira do nosso Manoel Compello, pintor d'El-rei, o Sr. D. Manoel, e D. João III; o qual nos annos da sua juventude foi mandado estudar á Italia, e alli frequentou a Eschóla de Buonaroti, onde seguiu o estylo de seu mestre na força do desenho, e com mais intelligencia de colorido (em Roma se mostra de Buonaroti, como pintor o quadro do *Juiso Universal*, pintura a fresco, na Capella Sixtina; e como esculptor a estatua de Moysés, no mausoleo do Santo Padre Julio II, na Igreja de S. Gregorio) como no já citado quadro se observa.

No ex-mosteiro da Invocação de N. S. de Belem e havia varios quadros pintados a *oleo* por Manoel Campello, porém já repintados; por isso não encantavam cabalmente a vista dos observadores intelligentes.

É coisa bem difficil classificar quadros, em quanto a seus authores, eschólas, e allegorias!

D. Francisco Manoel de Mello, poeta e historiador, que instituiu a Academia dos Singulares de Lisboa, o qual estando preso na Torre Velha, do outro lado do Téjo, pelo espaço de nove annos compoz 59 livros estimados, além de outros, fallecido em 1666, no seu *Dialogo*, que intitulou: *Hospital das letras*, diz assim a pag. 456: « Bem confesso a travessura do meu genio como todos sabeis, mas sem embargo delle e della, sou obrigado a confessar, e confesso, que não foi a naturesa, nem a fortuna avara com os portuguezes, da gloria do engenho; porque tal poeta como nos deo em Camões; tal historiador, como em João de Barros; tal orador, como em Jeronimo Osorio; tal rhetorico, como em Cypriano; tal jurista, como em João das Regras; tal pregador, como em Antonio Vieira; tal pintor como Manoel Compello (de que se infere, que essa era a opinião geral); tal Rei, como D. João II; em fim tal Santo, como Santo Antonio: não vimos que juntos a outra nação se dessem »

Logo que appareça um documento genuino, que mostre ser o quadro que representa *S. Jeronimo*, o qual se acha na aula de Pintura Historica, da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, do pincel de Miguel Angelo Buonaroti, o que será um grande serviço feito ás artes, retiro a opinião ácerca de Manoel Campello, que floresceu no XVI seculo.

Andam escriptas narrações tão pouco verosimeis, que ainda que caibam no possivel, manda a prudencia que se não acreditem sem analyse.

O Abbade Castro.

A NOIVA.

BALLADA TRADUZIDA DE MILLEVOYE.

740 Escurecia a campina,
Calavam-se aves no ar;
Já batia a hora divina
De rezar e descançar.
No meio de selva escura,
Perdido, como um baixel
No mar sem leme, á ventura,
Oiço apenas na espessura
Os passos do meu corsel.

De repente um oiteirinho
Vejo pastora a descer;
Perguntei-lhe o meu caminho
Para ao castello ir bater.
E respondeu-me ligeira:
— Siga á esquerda do vergel.
Encantou-me a feiticeira,
Tinha a voz doce e fagueira,
Fiz parar o meu corsel.

Porém tu tão fóra de horas,
Pastora, só onde vaes?
Pára e dize-me onde moras,
Irei comtigo aos casaes,
Abrigados descancemos,
Confia em mim, sou fiel;
N'esta aveleira fiquemos,
E em seus ramos enlacemos
As rédeas do meu corsel.

— Ai não, não que em oito dias
Já esposa d'outro serei;
Cadêas odiosas, frias
No meu corpo involverei.
Pobre Lisa! — Assim disse ella.
E eu disse: — Será cruel
União a todos bella?
Quero assistir-lhe, á capella
Hei-de vir no meu corsel.

— Vinde, vinde e dó profundo
De mim tereis. — Mas porque?
— Um amante, que no mundo
Me jurou eterna fé,
Por meu pae foi obrigado
A tragar o amargo fel
Do ciume desesp'rado.
Deixei-a, mas sofreado
Levei sempre o meu corsel.

Não me esqueceu a hora dada,
No dia certo voltei,
E uma cruz d'oiro á esposada
Prenda da volta levei;
E pergunto ao padre cura:
— Onde está Lisa fiel?
Responde-me — Ó desventura!
Bem perto, na terra escura,
Que pisa o vosso corsel. —

J. M. de Sousa Lobo.

NOTICIAS.

NARRAÇÃO FIEL DO ASSASSINIO DE MATHILDE DO ROSARIO DA LUZ.

Varios tem sido os modos como se conta, o que por em quanto se sabe, ácerca de crime horrivel, de que fallámos em o numero anterior.

A circumspecção, com que sempre devemos proceder em taes materias, para que a REVISTA não perca em nenhuma de suas partes o antigo credito, que se présa de sempre haver gosado, nos obrigou a procurarmos as mais authenticas informações que podessemos obter.

Um dos nossos amigos, pessoa mui competente, não só para objectos destes, como para outros que emprehende, teve a delicadesa de nos prestar além dos seus serviços, e dos recursos de que podia dispôr ácerca da noticia que desejavamos, a narração que fielmente mandamos imprimir sem a mais leve alteração.

Resta-nos só para completarmos o desempenho dos nossos deveres de escriptor publico tributar o devido louvor, pelo zelo e acerto, com que se houveram todas as auctoridades, que nessa narração se mencionam.

—

741 João Ferreira da Cruz, Guarda-Barreira das Portas de Santa Apolonia, quando recolhia para sua casa na Freguezia de São Vicente, ás 9 horas da noite de 12 do corrente mez de Setembro, encontrou junto ás Obras de Santa Engracia no Campo de Santa Clara, em frente do adro da Egreja do Convento do Desagravo, um cadaver nú, e correndo a dar parte á guarda da Fundição de cima, ahi proxima, voltou com os soldados; e examinando-se o caso acharam ser o corpo de uma mulher sem cabeça, pernas e mãos, de que logo se deu conhecimento ao Regedor de Parochia que fez guardar o cadaver por cabos de policia.

Pouco depois, ás 10 horas da mesma noite, a patrulha que girava na Travessa das Monicas deu parte ao Regedor de Parochia de Santo André de ter encontrado duas pernas separadas pelos joelhos em quatro pedaços, e duas mãos cortadas pelos pulsos, que tambem foram guardadas pelos cabos de policia. O Administrador do Bairro de Alfama n'essa mesma noite fez participar ao Juiz Criminal do 1.º Districto o horroroso crime que se acabava de perpetrar, e com effeito ás 7 horas da manhã do dia 13 já o Juiz Criminal se achava com o seu Escrivão junto donde estava o cadaver: e a essa mesma hora tambem o Administrador empregava todos os meios á sua disposição, para descobrir e apprehender os auctores d'aquelle attentado, officiando a todos os Regedores de Parochia para averiguarem se nas suas freguesias se dava pela falta de alguma mulher, e darem logo parte de qualquer desconfiança ou suspeita, desenvolvendo-se a maior actividade e energia.

O Juiz Criminal mandou chamar dois facultativos, e fasendo condusir o corpo, pernas e mãos, para dentro do Edificio das Obras de Santa Engracia, que o Inspector do Arsenal do Exercito franqueou a pedido do Administrador, para os facultativos procederem aos exames da sua profissão com a decencia devida, mandou fazer o auto de corpo de delicto, em que os facultativos declararam ter o cadaver desenove punhaladas sobre ambos os peitos, sendo sete profundas, atravessando o coração e os pulmões: que o cadaver era de mulher ao que parecia de mais de cincoenta annos, que as pernas e mãos pertenciam áquelle cadaver, estando os cotos dos pulsos amarrados sobre o corpo com uma fita.

Logo que se concluiu o corpo de delicto, em que os facultativos disseram, que as punhaladas pareciam ser feitas com agulha grande, ou outro ferro fino, e agudo, se levaram os referidos restos mortaes ao cemiterio do Alto de S. João.

Ás 11 horas da manhã do dito dia 13, indo o Regedor de Parochia de Santa Engracia á Administração do Bairro, ahi se fallou de uma mulher que no dia 9 havia hido queixar-se de sua filha lhe ter desencaminhado um cordão de ouro, e algum dinheiro, que guardava para se tractar quando estivesse doente, desculpando-se a filha não ter feito tal, e que sua mãe, andava louca, e doente: o Regedor ficára de se informar, e quando isto assim fosse, de a mandar para o Hospital, o que deixou de fazer em consequencia de voltar na Segunda feira 11 dizendo estar sua mãe restabelecida e boa.

Mandou logo o Administrador capturar aquella mulher para averiguações, e foi encontrada em sua caza na Travessa das Freiras n.º 16, loja, estando só, e tendo se havia pouco recolhido de estar vendo o cadaver junto ás Obras de Santa Engracia, sendo vista conversando, e junta com o povo que alli concorreu lastimando aquelle acontecimento.

O Administrador procedeu aos seus interrogatorios,

de que resultou declarar a presa chamar-se Maria José, ser solteira, ter vinte annos de edade, e viver em companhia de sua mãe Mathilde do Rosario da Luz, viuva de Agostinho José, que fôra grumete da Fragata Perola: que sua mãe havia saído de manhã cedo, como costumava, e não sabia á hora em que se recolheria: mostrando em todas estas respostas a maior serenidade, e presença de espirito: de sorte que não causava desconfiança.

O Administrador a final lhe intimou, que ou dissesse aonde estava sua mãe, ou aliás iria presa até ella apparecer. Não mostrou com isto sobresalto antes a mesma indiferença, e assim esteve até ás 3 horas da tarde, em que o Administrador com o Escrivão da Administração, e Officiaes de Diligencias fez condusir a dita Maria José a sua casa, e abrindo esta a porta com a maior franquesa, disse que podiam vêr tudo á sua vontade, que alli nada havia: e com effeito entrando-se dentro em caza se viu um capote rasgado, dois enxergões, e alguma roupa em desarranjo no meio da caza da entrada, e no chão alguns pingos de sangue já desvanecido por ter sido lavado: na cosinha tambem sobre os tijolos pingos de sangue seco, e alguns tijolos levantados, e outros quebrados como de cousa que sobre elles se partira: um alguidar debaixo da chaminé com porção d'agua tinta de sangue: e no poial dos potes, duas facas de officio de çapateiro com as folhas denegridas de sangue seco, e uma ainda com vestigios de carne seca na extremidade junto ao cabo: e uma machadinha pequena tambem denegrida de sangue seco, e no quintal em uma corda quatro lençóes ainda humidos, a enxugar, e todos cheios de manchas amarelentas como de sangue lavado, e duas saias, um pano, e um sacco, da mesma sorte.

Ás perguntas que se fasiam á presa Maria José, quando se iam descobrindo estes vestigios do crime, a tudo ella respondia sem titubear, ou mostrar receio, disendo padecer fluxo de sangue, e andar mudando com frequencia de roupas, sendo as facas do uso de seu officio de çapateira.

Foi cavado a suficiente profundidade todo o quintal, e nada apparecendo, o Escrivão da Administração com um cabo de policia insistiu em faser levantar os tijolos da cosinha, que eram assentes sobre a terra, até que depois de bastante trabalho e indagação a final a um recanto escuro, ao levantar dois tijolos se viu a terra mechida, e cavando se até a altura d'um palmo de terra descubriu-se uma cabeça de mulher enterrada.

Foi logo chamado o Juiz Eleito e seu Escrivão, com os facultativos, e desenterrando se a cabeça estes reconheceram, que aquella cabeça pertencia ao corpo de manhã examinado; estando o nariz, as faces, e mais partes do rosto contusas e fracturadas, talvez de ser calcada quando fôra enterrada.

Nenhum sobresalto, ou espanto causou á presa Maria José este achado, antes pelo contrario friamente disse ser a cabeça de sua mae Mathilde do Rosario da Luz, confessando que havia sido assassinada na segunda feira de manhã, quando voltára de comprar pão: que havia sido esquartejada sendo o corpo, as pernas, e as mãos as que se encontráram nos sitios em que as lançaram: que não fôra ella que fisera a morte mas sim um José Maria. Instada para diser quem era este José Maria não foi possivel, teimando sempre em diser, que José Maria havia muitos, e seria mais facil morrer, que diser quem elle é: que o intrudusíra em casa, quando sua mae saiu a comprar o pão, e elle levára o dinheiro, que havia, deixando-lhe só o que appresentava que era 27$000 réis em prata, um cordão de ouro, um annel de ouro, um papel com uma cabeça de cobra tudo sujo de sangue, tendo ella tambem no vestido que a cobria alguns pingos de sangue, e duas feridas no dorso da mão direita, e outras duas no dorso do dedo indicador da mão esquerda, que declarou ter recebido no acto do assassinio de sua mãe: que a causa que originou a mata-la fôra o ter dinheiro, e para possuir umas fasendas que ella tinha em Rio de Moinhos, conselho d'Abrantes.

Coisa alguma mais declarou: e não mostrou sentimento algum nem commoção, á vista da cabeça de sua mãe, e imprecações que lhe dirigia o immenso povo, que concorreu a vel-a, olhando para todos francamente, sem que se lhe importasse o espectaculo que se appresentava, dizendo — « então que é, é uma mulher de menos, é uma mulher que se matou. . . . » — e ria se de vez em quando.

Acabada a diligencia, pediu para apanhar duas galinhas, que tinha no quintal, e as levou com sigo para a prisão; ao saír encontrou se, juntou aos xergões, uma grande agulha, á similhança das de colxoeiro, com que, parece, foram feitos os ferimentos.

N'este acto foram entregues, por Maria José da Conceição, sua visinha na travessa do Conde d'Avintes n.° 18, uns papeis que a assassinada, havia algum tempo lhe déra a guardar, com medo da filha lh'os roubar, os quaes eram, o testamento do Padre Manoel Alves, capellão cantor da real casa de Santo Antonio, que legára á fallecida viuva, Matilde do Rosario da Luz, os bens já mencionados, para os usofruir, e, por sua morte, passarem a sua filha Matilde Fáustina, e na sua falta á outra filha Maria José; estes bens andam arrendados por 15$000 réis.

Consta, que a irmã da presa, dita Matilde Faustina, segue a vida de prustituta, e se ausentára para Setubal, não vivendo ha muito com sua mãe.

A visinhança é toda conforme nos maus tratos, e desordens, com que a presa Maria José tractava sua mãe, e que nunca viram alli ír homem algum.

No dia 14, quando o Administrador mandou condusir a referida Maria José á cadêa, para ficar á disposição do Juiz Criminal, repetiu o mesmo que no dia antecedente dissera, não mostrando arrependimento algum, e só lastimava ter lhe ficado em caza um gallo e um coelho, que estava com grande sentimento de lhe morrerem á fome, tendo por tanto mais pena dos animaes, que da mãe.

A presa é de estatura regular, côr acobreada, e cabello crespo, altiva e muito senhora de si: parece estar gravida de quatro mezes.

O desarranjo em que estava a caza, denotava terem já principiado a mudar se; pois estavam os colxões na casa, e na alcova não havia leito, de sorte que, talvez naquelle mesmo dia da prisão, teria desapparecido, se a justiça não andasse tão activa.

C. S.

THEATRO DE D. MARIA II.

742 O Drama *Fé, Esperança e Caridade* agradou na primeira representação. No 5.° acto foi muito applaudido.

A ultima representação do *Alcaide de Faro* esteve tão concorrida como a primeira. — Esteve enchente real. — SS. MM. honraram nesta noite o Theatro com a sua presença.

Fallando neste Drama julgamos dever declarar, que sem rasão o Sr. Bordalo pensou que o desprezavamos, por lhe não citarmos o nome ao tractar de um ponto que havia tambem tractado no seu artigo do — *Popular*. — A suspeita do Sr. Bordalo foi injusta; e se bem nos conhecera, não a tivera escripto. Escrevendo estas palavras não damos uma satisfação, cumprimos um dever.

Longe de desprezar o Sr. Bordalo temos-lhe o mesmo affecto que nos liga a todos os mancebos estudiosos.

Quando escrevemos o nosso juiso sobre o *Alcaide de Faro*, ainda não tinhamos lido o que o Sr. Bordalo havia escripto.

CRIME QUE NÃO DEVE FICAR IMPUNE.

743 Ha tempos que se fallava, em que, para as bandas da Cruz do Taboado, e casa da Polvora, saía aos viandantes um homem a cavallo com grandes barbas, e que, por meio de ameaças, extorquia o que podia.

Houve varias queixas, em virtude das quaes a policia tomou providencias para prender o criminoso.

O resultado da diligencia não foi tão feliz como se desejava, e a pessoa presa pelos fortes indicios, que o condemnam, achará, pelo menos na *chicana*, que por vergonha nossa ainda se não póde extirpar do fôro portuguez, os meios de fugir ao castigo que por ventura merece.

Não queremos que a justiça se guie só por suspeitas; mas tambem não approvamos, que pretextos frivolos ou protecções valiosas façam, com que o homem, que attenta contra a propriedade, ameaçando a vida, possa zombar da lei.

O que ácerca do facto nos consta é que a existencia do salteador nos sitios indicados, é uma coisa inquestionavel, e que a diligencia se passou do seguinte modo.

Como não era costume que o bandoleiro saísse a mais de uma pessoa; a policia fez disfarçar um sargento da Guarda Municipal, que, acompanhado por alguns soldados, que iam em distancia, passasse pelo sitio suspeito montado em um burro.

Saíu-lhe ao encontro um homem com grandes barbas e montado em bom cavallo, o qual, puchando por uma pistola, o mandou pôr a pé. O sargento puchou tambem por uma das pistolas, que levava. O desconhecido disparou, mas errou fogo: — a vida do sargento correndo assim eminente perigo, este desfechou tambem, mas egualmente errou fogo. — A este tempo o cavaleiro partiu a fugir, mas o cavallo foi antes ferido com um sabre por um dos soldados, que acudiram.

As barbas que serviam de disfarce foram achadas.

Deu-se com a cocheira onde o cavallo pertencia, pelo rasto do sangue; e o achado do cavallo trouxe a captura de um homem, que tinha aula de instrucção publica!

Contam-nos que esse individuo tinha na vespera comprado um par de pistolas com a condição de as restituir se não fossem boas; o que de feito fez no dia seguinte á noite, em que aconteceu o que acabamos de referir.

A noticia do successo correu por toda a cidade, assim como agora começa a correr a nova de que o accusado, pertende fiança para o livramento.

Felizmente a cidade e seus contornos andam livres de salteadores, que perturbam o socego das familias, e seria para desejar, que empregando-se a maior circumspecção ácerca do acontecido se não auxiliasse indirectamente com a impunidade um crime, que pela sua natureza deve ser exemplarmente punido.

A proverbial inflexibilidade de caracter do Sr. Amaral, juiz do processo, é garantia bastante para que o publico esteja certo, de que se o preso é realmente culpado, não affrontará as conveniencias sociaes, que em materias destas convem observar.

AVISO UTIL PARA O CONSELHO DE SAUDE.

744 Pessoa que nos merece inteiro credito, nos informou de um facto, que deve chamar a attenção das respectivas auctoridades, e que se refere ás quarentenas.

Foi o caso: os empregados da saude, que vinham em um escaler, desembarcaram, e estiveram fallando, por algum tempo, com varias pessoas na praia.

Ora se um bote que encontra o escaler se lhe não póde aproximar, sem o perigo de ficar retido, como é que a gente que vem no escaler poderá communicar com a que está em terra?

As quarentenas sem rigor são inuteis.

Estamos persuadidos, que as auctoridades ignoram este abuso, e para que o saibam aqui o deixamos registado.

NOVAS ARMAS DE GUERRA INVENTADAS POR M. PERROT.

A obrigação que temos de fazer conhecer no nosso paiz quantos inventos se fazem por esse mundo, e chegam ao nosso conhecimento, nos obriga a inserir a seguinte nova, que nós temos por bem triste para a humanidade, pois que oxalá em breve se não dispare uma só arma, sendo a paz proclamada geralmente, como a primeira e a mais urgente das necessidades.

---

745 Depois de longos estudos sobre os meios de utilisar na guerra os descobrimentos feitos ha alguns seculos, M. Perrot imaginou tres especies de armas.

A primeira é uma espingarda de pressão de ar ou gaz comprimido. Póde ser de um ou mais cannos; e póde lançar um grande numero de ballas, em qualquer direcção. Esta arma é destinada á defensa das praças, e em geral das posições atacadas de viva força.

A segunda é a primeira, montada em uma locomotiva qualquer, servindo para todas as posições, quer no ataque quer na defensa.

A terceira compõe-se de armas de tiro cem vezes mais fortes que as catapultas, balistas etc.

M. Arago, que teve occasião de examinar estas tres armas lhes faz os maiores elogios.

Uma arma destas, que foi appresentada a M. Arago e á Commissão permanente da artilheria, formada de tres canos, lançou 15 a 20 ballas por segundo, e 900 a 1200 por minuto.

A certeza dos tiros é tamanha com estas espingardas, que M. Arago, fallando a este respeito nas Camaras disse o seguinte:

« Atiramos ao alvo, M. Perrot e eu, e conseguimos metter todas as ballas em um buraco do tamanho de uma peça de cinco francos, ou em uma linha horisontal que apenas tinha um decimetro de largura. »

Examinando bem as armas de M. Perrot antevê-se já o dia em que a arte da guerra será muito modificada.

Considerada sob o ponto de vista technologico, o que é a guerra senão o emprego de machinas de destruição? Força é concordar em que aperfeiçoando-se todas as machinas de industria, estas tambem se haviam de aperfeiçoar.

Com a espingarda ordinaria ha tão pouca certeza no tiro, que é rara a balla que se emprega; com a espingarda de M. Perrot, não ha fumo, a mão não treme, nem ha receio de errar, pois que o machinismo em que ella está assente permitte alcançar-se a maior exactidão.

Para as armas ordinarias é necessaria a polvora, para estas basta dar a uma manivella, comprimir o ar, ou produzir o gaz.

COMMERCIO.

746 — Cereaes.

No dia 14 do corrente ficaram existindo no terreiro publico: — trigo, 6,727 moios e 43 alqueires — cevada, 1,978 moios e 52 alqueires — milho, 585 moios e 5 alqueires — centeio, 166 moios e 5 alqueires. N'esses dias os preços na alfandega do terreiro regularam: — trigo, 400 a 560 — cevada, 230 a 240 — milho, 280 a 340 — e centeio 260 a 280.

No Porto, em 13: — trigo, 600 a 700 — milho, 370 a 390 — e cevada, 240 a 260.

Em Lisboa a 20 de setembro.

Trigo do reino rijo	de	340	a	400	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	460	»	»
» da ilha	de	340	a	400	»	»
Milho do reino	de	280	a	310	»	»
» da ilha	de	210	a	220	»	»
Cevada do reino	de	180	a	220	»	»
» da ilha	de	170	a	180	»	»

Effectuou-se a saída de 81 moios e 22 alqueires e meio de milho do reino, no navio inglez *Gaspar*.

Os preços esta semana tem estado em apathia.

— Banco de Inglaterra.

O *Daily News*, de 2 do corrente, publica o estado do Banco de Inglaterra, em 26 de agosto, do qual resulta, que as notas em circulação, n'esse dia, prefaziam £ 26 853,120.

Na repartição de emissão existiam:

Oiro cunhado e em barra	£ 13.017,973
Prata em barra	» 775,147
Na repartição das operações do Banco, oiro e prata em moeda. . .	» 650,543

— Preço medio dos seguintes generos, durante o mez de agosto, nos seguintes destrictos.

Vianna: — trigo, 480 a 760 — milho, 240 a 400 — centeio, 240 a 460 — feijão, 375 a 500 — azeite, por almude, 2$800 a 4$800 — vinho, por almude, 95 a 240.

Faro: — trigo, 380 a 600 — milho, 260 a 500 — centeio, 200 a 400 — cevada, 140 a 400 — azeite, por almude, 1$800 a 2$880 — vinho, por almude, 480 a 1$000.

— Agio, por moeda, das notas do Banco de Lisboa, de 14 a 20 de setembro.

	Compra.	Venda.
14.	1$860. . . .	1$840
15.	1$880. . . .	1$860
16.	1$880. . . .	1$850
18.	1$850. . . .	1$820
19.	1$860. . . .	1$820
20.	1$850. . . .	1$820

— Praça de Madrid, em 13 de setembro.

Titulos de 3 por cento — 19 e cinco oitavos.
» de 5 » — 10 e meio.
Divida sem juro — 3 e tres quartos.
Acções do Banco de S. Fernando, de 2.000 reales — 50 por cento.
» da Companhia Probidade, de 2.000 reales — 1.200 reales.

— Praça de Lisboa, 20 de agosto.

Fundos publicos de 5 por cento, ha vendedores para 50 por cento. Acções do Banco de Portugal, houveram compras com o devidendo recebido por 437$000 réis. Acções sobre o fundo especial de amortização, 48 por cento, com os 7 e meio pagos. — Cautellas da Companhia das Obras Publicas, houveram vendas por 2 e meio por cento. Todos estes preços são cotados em notas do Banco de Lisboa. — Papel moeda compra 10 por cento — venda 12 em moeda metalica.

— Escrevem-nos do Porto pelo ultimo correio.

Continua a baixa do assucar e arroz. As vendas do café teem sido limitadas. Augmenta o deposito dos generos do Brasil. — As reexportações estão sendo raras. O que ainda val ao commercio é o consumo interno.

— Escrevem-nos de Genova em data de 4 do corrente:

O preço dos cereaes em Genova conserva-se: não só pelo maior consumo no paiz como por causa do dos paizes visinhos. O arroz tem subido de preço.

A boa colheita da seda, em Milão, tem feito que os preços não subam tanto como se temia, pois que se julga que a seda nova deve ser melhor que a que existe.

— Concordatas amigaveis.

O tribunal do commercio de Paris teve occasião de fazer já a primeira applicação do decreto de 22 de agosto promulgado a 26, sobre as concordatas amigaveis.

M. Petitjean, por parte de M. Gouin e C.ª, directores do banco do commercio e da industria, appresentou-se na sala do tribunal para produzir as justificações exigidas com o intuito de obter os beneficios resultantes do novo decreto. Depois de deliberação, o tribunal deu a sentença seguinte.

« O tribunal,

« Visto o decreto de 22 de agosto promulgado a 26 do mesmo mez:

« Vista a cessação de pagamento feita pelos Srs.

Gouin, Lebaudy e Roussac, antigos gerentes da caza de Gouin e C.ª e ao presente pelo Sr. Gouin, como liquidatario da caza, e a sua petição de aproveitar-se dos beneficios do artigo 1 e 2 do citado decreto:

« Attendendo que resulta desta declaração que a cessação de pagamentos veio depois do dia 24 de fevereiro de 1848 ou depois de seis de março, e seria anterior á promulgação do decreto citado:

« Attendendo a que dos documentos appresentados se vê que um arranjo amigavel, proposto pelos Srs. Gouin e C.ª a seus credores, teria sido acceite verbalmente por mais da metade em numero, representando mais de tres quartos da divida,

« Por estes motivos,

« Toma termo aos requerentes da sua declaração: fixa provisoriamente na data de 6 de março ultimo a cessação do pagamento de Gouin e C.ª: dispensa da imposição dos sellos, e do inventario judiciario; estatue que sob a vigilancia de M. Gratien Milliet, membro do tribunal, a quem elle commette este objecto, o Sr. Gouin, vista a sua qualidade de liquidatario, conservará provisoriamente a administração dos negocios da caza Gouin e C.ª e procederá á sua liquidação juntamente com os Srs. A. Koechlin, Rambault e Jouve, que nomêa syndicos, porém sem poderem fazer novas dividas, ordena que a presente sentença seja affixada e inserta por extracto nos jornaes, conforme o artigo 442 e segundo o modo estabelecido pelo artigo 42 do codigo do commercio »

— Extracção de Uvas, passas e amendoas em Malaga.

A venda destes productos foi melhor de que todos esperavam. A entrada de navios tem sido tamanha, que poucos annos a terão egualado. Só dos Estados-Unidos teem entrado para cima de 30 de alto bordo. Tudo isto faz que os preços se conservem altos, apezar da abundancia da colheita. A amendoa é que não é nem tão abundante nem tão boa.

— Paris 27 de agosto a 3 de setembro.

O preço dos tecidos de lã tem melhorado consideravelmente em Mulhouse, no espaço d'estes ultimos oito dias. Pelo contrario no Havre tem estado estacionario.

Houve durante este mez um movimento consideravel na alfandega de Mulhouse, cuja receita passou além de toda a esperança. O escriptorio nacional daquella cidade redusiu a 5 por cento a taxa do desconto desde 27 de agosto em diante.

Em Reims os merinós continuam a ser avidamente procurados, sobre tudo os de medianos preços, tendo tido uma alta de 8 a 10 por cento.

As lãs tambem teem tido alta, bem como as blusas.

O preço dos trigos, sobre tudo o da farinha, tem-se conservado estacionario em Paris: não tem descido como se esperava.

As forjas de S. Dizier não teem melhorado de fortuna: apenas trabalham quando teem encommendas para satisfazer.

Poucas chegadas de algodões teem vindo para o Havre, e apenas duas mil ballas saíram para fiação. Por isso os preços continuam em baixa. A existencia é de 73 mil ballas; em egual tempo no anno ultimo era de 38:500 ballas.

De Paris teem-se exportado 4:000 kilogrammas de lã para Inglaterra, em consequencia do premio concedido aos exportadores.

— Nota dos preços correntes, que em 8 de julho ultimo tinham na Havana os fructos da ilha, e os cambios, naquella data.

Assucares de 6 e meio e 8 e meio a 7 e meio e 9 reales por arroba.

Branco 6 e meio a 9.

Quebrado 3 e tres quartos a 7.

Café — 1.ª qualidade 5 e meio a 6 } Pouco procurado.
» 2.ª » } a 5 } Pouco procurado.
» 3.ª » } a 5 } Pouco procurado.

Tabaco fabricado, conforme a sua qualidade, de 5 a 60 pesos fortes por milhar.

Cambios — Sobre Hispanha de 6 a 8 por cento de premio.
» Sobre Londres de 12 a 14 por cento.

— Banco de Cadiz.

No mez de agosto descontou letras de cambio na importancia de 7.206.035 reales. — Lucrou com o desconto destas letras 61.662 reales. — Notas em circulação 10.381,000 reales. — Moeda metalica em caixa 4.472,743 reales.

— Publicou-se em Paris um folheto intitulado — *A Situação Financeira* — por Benjamim Delessert. Além de varias reflexões criticas sobre o assumpto, contém um esboço das providencias que sobre tão grave materia se tomaram em França depois da revolução de fevereiro.

— Banco hispanhol de S. Fernando.

Notas em circulação no 1.º de agosto do corrente anno 166.238.400 reales.

EXPEDIENTE.

— Muitas são as cartas, mormente de Lisboa, em que nos perguntam o que sabemos ácerca da importancia que a Camara Municipal deu á nova e economica descoberta inventada em Londres, para apagar os incendios, bem como ao artigo com que acompanhámos a descripção da machina: o que mais pelo seguro lhes podemos responder é que a Camara talvez ainda não saiba de tal. Quando obtivermos o desengano de que não é possivel esperar que o Municipio mande vir uma das novas machinas para ensaio, é provavel que a mandemos vir por nossa conta, para a patentear ao publico em o Escriptorio do nosso Jornal. É o mais que poderemos fazer.

— Ainda neste numero não se póde publicar o artigo, que já temos escripto, ácerca de uma nova sociedade agricola em Angra.

— Novamente repetimos que a carta que nos mandaram de Mirandella, será publicada.

— Partecipamos por este modo aos illustres redactores de todos os jornaes estrangeiros, que trocam com a REVISTA que neste logar lhes communicaremos qualquer falta, ou irregularidade que possa haver no recebimento dos seus apreciaveis favores.

Publicações recebidas. — A *Epocha*, n.ºs 11 e 12.
Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, n.ºs 8 e 9.
Revista Popular, n.º 29.
O *Baratissimo*, n.º 7.
Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, Mez de Julho.
A Lusa Marroquina, Drama original da Historia Portugueza, em 5 actos, approvado pela Inspecção Geral dos Theatros, por João Xavier Pereira da Silva.